

As ASSIGNATURAS são de 2\$ por trimestre, 4\$ por semestre e 8\$ por anno para a Corte e Nictheroy.

O DOMINGO

AS RECLAMAÇÕES podem ser remettidas á rua do Príncipe dos Caiqueiros n.º 164 sobrado.

Jornal litterario e recreativo

REDACTORA E PROPRIETARIA

D. Violante A. Ximenes de Bivar e Vellasco

O DOMINGO

Rio, 22 de Fevereiro de 1874.

A educação moral

Ao amor materno deve acompanhar a educação moral, que tem por objecto amoldar os costumes, os quais dimanam dos sentimentos e se manifestam nas accções.

Ha em nós sentimentos phisicos e sentimentos moraes ; a dor que nos causa uma ferida é phisica, e a que nos causa a morte de uma amiga é moral. Mas a educação moral só trata deste ultimo sentimento, que procede de um principio, ou de uma faculdade d'alma, a que se chama *sensibilidade*. Esta é inherente à nossa natureza : foi-nos dada pelo Creador.

Uma creança ama de todo o coração, e com as mais puras aféições, todos aquelles que lhe fazem bem, seu pai, sua mãe, seus irmãos, se os tem, em summa todos os que se mostram seus amigos : pelo contrario, toma aversão a todos aquelles que não lhe fazem festa, e a desprezam.

Esse instincto, se fosse abandonado a si mesmo, desenvolver-se-hia por modo espantoso, e se converteria em egoísmo absoluto ; mas sendo bem dirigido é o manancial de todas as virtudes.

A maior parte dos nossos usos de urbanidade nascem de idéas moraes, incutidas em nós quando creanças. E por isso convém muito abster de familiarizar os meninos com bugiarias de mera familiaridade ; o que é necessário fazer é inculcar-lhes a razão e o valor de uma bem entendida urbanidade, sincera e affectuosa.

As paixões nascem dos hábitos. Um hábito, uma

aféição adquire em nós certo grão de ardor e impetuosidade a ponto de fascinar e dominar a razão, e de falsificar o juizo.

Sendo a razão a lei soberana do homem, toda a paixão que a despreza é pessima.

Ha paixões de sua natureza nobres, e são as que nos arrastam impetuosamente para o bem, permittindo-nos escutar a razão : taes são o amor da gloria, o amor da patria, o zelo ardente do proximo. Longe de nós a intenção de as impugnar : aconselhamos pelo contrario que se dessiminem no coração da mocidade ; mas ensinando-lhe ao mesmo tempo a necessidade de regular as occasões e o modo de as manifestar.

Outras ha que se devem prevenir em tempo com escrupulosa sollicitude ; e o unico meio é apresentar idéas bem claras e bem completas, das virtudes que lhes são oppostas.

Para preservar da avareza, explicae bem ao menino o que é a economia, para o affastar da paixão pelo jogo, fazei comprehender bem o que é o jogo, como simples distração ; em uma palavra, tratai de que os vossos educandos adquiram em moral idéas bastante exactas, e bons hábitos bem arreigados.

Benjamim Franklin, o sabio benemerito da humanidade, aconselhava que devíamos examinar o que em nós se passa, e tomarmos a nós mesmos conta severa no intimo tribunal da consciencia, submeter nossa vida a um exame regular, calcular o nosso dia pela manhã, passar lhe revista à noite

Eis aqui um grande meio de educação, e que todos nós podemos fazer e lançar mão.

Continua.

Ao Diário de Santos

Neste assaz interessante Periodico, um dos orgãos mais acreditados da imprensa brazileira, e que vê a luz da publicidade em Santos, cidade da muito ilustrada província de S. Paulo, lê-se no seu n.º 100, de 10 de Fevereiro o seguinte:

« O DOMINGO. — Recebemos também este periodico, redigido pela Sra. D. Violante A. Ximenes de Bivar.

Escripto primorosamente, o *Domingo*, é o primeiro passo da mulher, em prol de sua emancipação, tão reclamada.

A beleza da linguagem, e o assumpto que é sempre escolhido, faz-nos crer que deverá ser procurado pelas representantes do bello sexo.

Com verdadeiro prazer agradecemos a offerta, e aceitamos o encargo de receber a importancia dos que desejarem auxiliar este jornal, que pôde ser visto no criptorio da redacção desta folha. »

Quaesquer elogios e expressões benigas e da mais viva gratidão, de que nos servissemos para retribuir tão delicada fineza, ficariam muito aquém do que elas merece e do que sentimos n'alma. Por isso limitamo-nos a reproduzir esses termos benigas; e mais a aceitarmos com a mais entrahavel gratidão a fineza que nos quer fazer o ilustrado collega de incumbir-se de agenciar assinaturas para o nosso humilde periodico.

Ha favores que se não retribuem, e este é um delles

LITTERATURA

O vaso de flores

Vamos lêr uma historia tocente e verdadeira que teve logar no anno de 1834. Sabem todos que nessa época, no mez de Abril, houve em França tentativas revolucionarias, pelas quaes, as prizões de Pariz, de Lyão e de mais duas ou tres cidades, encerraram durante um anno mais de mil pessoas suspeitas.

No trabalho chimerico das indagações, estas pessoas suspeitas pronziam cento e trinta accusados, de sorte que novecentas pessoas, pouco mais ou menos, tinham tido a sua liberdade suspensa por seis a dez mezes sem que existisse contra elles um facto capaz de servir de pretexto para serem presas, digamos novecentas existencias necessarias cada uma a cinco ou seis outras; novecentas existencias de pais, de irmãos, de filhos e de maridos; novecentas existencias de trabalhadores, todos santos e sagrados, tinham sido prezos e lançados nos carcereis sob a palavria de honra de um espião, sob a responsabilidade de um soldado!

E quando no fim de seis ou dez mezes, as ordens de soltura abriram os ferrolhos das prizões, ninguem dessa gente de alta e soberana justiça, se dignava informar-se se o prezo innocentemente possuia ainda no mundo outro preto que não fosse o do seu calabouço; ninguem procurava saber se elle tinha para comer e dormir outra couça que não fosse o pão e as palhas da enxovia.

Vou contar a desgraça de uma dessas victimas.

I

No terceiro andar de uma triste e negra casa da rua Beaubourg, morou desde fins do anno de 1830 um pintor Adolpho G*** filho de um official militar, inutilmente morto como tantos outros, nos dias de Julho.

Era um bello rapaz de vinte annos, franco e leal, um artista cheio de fé e de paixão, mas totalmente desconhecido. Fazia retratos. Pintava em seis dias obras primas de consciencia e de gosto, que os capelistas e bate folhas da rua Beaubourg pagavam-lhe sessenta francos a peça.

Com isso vivia e sustentava sua mãe, viúva incomunicável, quasi cega à força de chorar, e de quem era o unico arrimo. Dispensava por ella tantos cuidados, que era um verdadeiro culto.

Poutralissimo em todos os seus pequeninos contratos, nunca pedia emprestado o que quer que fosse a pessoa alguma; nunca comprou nada a credito, com receio que na sua ausencia viesses reclamar alguma cousa de sua mãe; de sorte que ella julgando-o rico, aceitava delle com toda a naturalidade e sem constrangimento, mil superfluidades que o pobre filho despendia à força de privações pessoas.

No mez de Outubro de 1833 aconteceram cousas muito interessantes ao joven pintor.

O proprietario da casa em que elle morava, uma sumidade commercial da rua Michel-le-Comte, adjunto do juiz ordinario do sétimo quartierão e capitão de granadiros desde a revolução de Julho, acabava de ser promovido ao posto de comandante da batalhão.

Tinha desejos de se retratar com suas dragonas novas e a cruz de loura que Sua Magestade lhe concedera.

Quem tem por locatario um pintor, e sobretudo quando está proximo a vencer-se o arrendamento da propriedade que o locatario ocupa, dá preferencia em pintura no caso de se querer retratar, e por isso Adolpho foi escolhido.

Intou o Sr. Blanquet com grande uniforme, com a mão direita sobre o seu livro commercial, e a esquerda sobre os copos de uma espada, tudo isto tão marcial, tão verosimil, que foi unanimemente aprovado pela familia.

No seu entusiasmo o comandante avaliou o trabalho a cem francos com accessórios. Era o equivalente do arrendamento. Leveu a vaidade a ponto de pagar também a tela e as tintas.

Nunca o pobre Adolpho fizera maior negocio.

E não é tudo.

A Sra. Blanquet, que apesar dos seus quarenta annos contados, não deixava de ser apresentável, lembrou-se também de proteger o pintor que sabia que era bom para sua mãe, dando-lhe mais tres mezes de casa com a condição de fazer o seu retrato. O negociante anuiu da melhor vontade porque estava tão satisfeito, que teria dado de bom grado o terceiro andar da sua casa da rua Beaubourg para sala de pintura, ainda que se pintassem ate as caras de seus empregados.

A seus olhos, Adolpho era o maior pintor dos tempos modernos; para elle, Adolpho excedia a Dubufe, era o Titieno das bellas damas de Marais.

O rapaz esmerou-se em fazer o retrato da Sra. Blanquet, começando e desfazendo o perfil por muitas vezes. Emfin foram precisas trinta conferencias para completar a preziosa cópia. Em cada uma dessas conferencias gastaram-se duas ou tres horas. A confiança do rapaz provocada pelas cordiaes atenções da Sra. Blanquet, tornou-se intima. Souberam de toda a sua vida, que elle relatava cheio de entusiasmo.

Além disso não esteve só com a mulher do negociante. Derau-lhe para officina a sala de mademoiselle

Blanquet, o cavalete estava posto ao lado do piano da moça, que enquanto o pintor trabalhava cantava as arias favoritas da mãe, para que a phisionomia della estivesse sempre radiante.

Já dissemos que Adolpho tinha vinte annos. Até então só amava sua mãe; a accão de todas as suas faculdades amantes se haviam concentrado sobre esse unico ponto. Nos seus cuidados, nas suas attenções para com a Sra. G*** o filho mostrou que saberia ser amante também. Com essa organisação que a necessidade de amor devorava, com essa cabeça nobre e generosa, cheia de entusiasmo, fanatizada pela poesia, tinha necessidade de um ídolo, de um amor, de um ente débil para sustentar, para defender, um infeliz para consolar.

Sua mãe tudo reunia, sua mãe cega, sua mãe viúva, que sem elle teria morrido de desesperação e de miseria!

Se tivesse tido uma irmã amaria com ardor, a pobre orphna! se tivesse tido uma amante, faria della a alma da vida. Pois bem! reunido esse amor de irmão, de amante, ao de mãe, amava-a com todas as forças da sua alma, como ella o amava, quando elle era menino. E comodo era ella as vezes bem exigente e severa, porque os desgostos porque passara tinham azeado o seu carácter. A presença de Adolpho, faria-lhe lembrar os desastres de que foi testemunha, nos dias da grande insurreição, que no mesmo instante que seu marido cahira morto no Louvre, seu filho se batia na praça publica de Pariz. Havia na sua casa ao lado da espaca envolta em crepe do oficial real uma cruz de Julho.

A filha do negociante da rua Michel-le-Comte transcorreu a existencia de Adolpho. Ouvir todos os dias, uma moça de dezenas annos, bella e meiga, cantar divinamente e que depois sentava-se familiarmente a seu lado; que quando elle contava os seus pezares ou prazeres surprehendia os olhos dessa moça cravados nos seus com expressão toda sympathica, eram motivos para o pintor deixar-se seduzir sem o pensar.

Acabado o retrato da Sra. Blanquet era forçoso que elle se retirasse e deixasse ali todas as suas esperanças; julgar mesmo que tinha lido um romance, mas quando a Sra. Blanquet quis pagar o seu trabalho, sentou-se a seu lado, e fóra de si rogou-lhe que lhe não desse dinheiro.

(Continua)

O Beijo.

Ha beijos sinceros, e são aquelles que uma mãe imprime na fronte de um filho; ha beijos castos, e são aquelle que se depositam nas faces de uma esposa; ha beijos inocentes, e são aquelles que damos a uma creança que dorme; ha beijos indiferentes, e são aquelles que as moças repartem entre si por méra cortezia; finalmente, ha beijos sagrados, e são aquelles que gravamos sobre o tumulo de um pai querido, no retrato de uma irmã que se adora, e na trança mimosa, unica reliquia de um amor infeliz!

As andorinhas beijam a superficie das aguas, as pombas beijam-se nos transportes de um amor inocente, as ondas beijam as conchinhas da praia, o sol beija a superficie do universo, o vento beija as nuvens do ceo, o orvalho beija as florinhas da relva, o chorão beija o marmore de cemiterio, o feliz beija a imaginagem da ventura, e o desgraçado beija a mão da caridade!

O beijo é a porta, por onde se entra no santuário do amor; é o thuribulo em que se queima o incenso do sentimento; é a pyra em que arde o fogo da sympathia: é o vinculo que liga duas almas em um só corpo, tendo ambas a mesma vontade, nutrindo os mesmos desejos, alimentando-se das mesmas esperanças, e ambicionando a mesma gloria.

A. M. dos REIS.

PARTE RECREATIVA

Perguntas aos homens pelos seus nomes próprios

- 1.—Qual é o homem que ama a letra O?
- 2.—Quais são os homens que tem uma sylaba só?
- 3.—Qual é o homem que pronunciando seu nome chinga-se sem saber?
- 4.—Qual é o homem que tem o augmentativo de um bixo do Brazil?
- 5.—Qual é o homem que todos respeitam?
- 6.—Qual é o homem que sem ser simeiro mora na torre?
- 7.—Qual é o homem que se compõe de um h. e de um caximbo?
- 8.—Qual é o homem de quem os breviarios rezam?
- 9.—Qual é o homem que por poucos se transforma em fazenda de lá bem conhecida dos negociantes?
- 10.—Qual é o homem que embora seja demonio, passa na terra por anjo celeste?
- 11.—Qual é o homem que embora seja desgraçado goza sempre de boa felicidade?
- 12.—Qual é o homem doce e suave?
- 13.—Qual é o homem que vive sempre atanazado?
- 14.—Qual é o homem que ainda que seja muito aborrecido é sempre bem recebido?
- 15.—Qual é o homem que se parece com um bixo muito industrioso e de cuja pelle se fizeram boas obras?
- 16.—Qual é o homem que por mais um a fica atento?
- 17.—Qual é o homem que sempre ama?
- 18.—Qual é o homem macho e femea?
- 19.—Qual é o homem metade moço e metade christão?
- 20.—Quais são os homens que o Imperador nomeia primeiro, quando falla na abertura ou encerramento das sessões legislativas?
- 21.—Qual é o homem passaro?
- 22.—Qual é o homem que ainda que seja muito roubento tem contudo muito amor?
- 23.—Qual é o homem muito fallado na Salve Rainha?
- 24.—Qual é o homem a quem todos os feios devem?
- 25.—Qual é o homem que se compõe do nome de uma mulher e de um rio?

A tarde

O' tarde, tu és o anjo
Que vaga por sobre a terra,
Tu libras-te sobre a serra,
Sobre o prado, sobre o mar;
Nas tuas azas celestes
Pousou-te Deus a harmonia,
No teu regaço a poesia
Tambem se veio aninhar.

Na fronte candida e bella
Pousa-te a vaga tristeza,
Unido co'a singeleza
Desse teu mago trajar;
E quando a medo te inclinas
E's a pura virgem bella
Que em seu pranto só revela
Saudades de muito amar!

Tu tens da terra o perfume
Tambem tens da vaga o pranto
E das aves tens o canto.
Tens da brisa o suspirar;
Tens o hymno da palmeira
Que se verga com o vento.
Tens o triste e são lamento
D'um regato a murmurar

Tens o perfume do lirio
Mal aberto na campina,
Os odores da bonina
Que o sol intentou murchar;
Tens o brilho d'uma estrella
Que se mostra bella e pura
Mergulhada na tristura
Quando ó tarde, vás findar!

Tu tens o canto do nauta
Que geme por sobr'as vagas,
Tambem tens as canções magas
Das tristes ondas do mar;
E vagas triste e chorosa,
Unida à melancolia
Do braço dado à harmonia
Tambem te vejo vagar!

Tens a belleza, o encanto
Da ultima hora do dia,
Resumes toda a poesia
Nessa tua hora sem par;
E's linda qual uma virgem
Meiga, triste, doce e bella,
Ou como a pallida estrella,
Como a estrella lá no mar!

O' tarde, tu és um anjo
Baixado à terra do Céo,
E's sim, que vejo no vêo
Que a fronte te vem ornar:
Inda és mais; tu és a virgem
Que todo encanto se veste,
Tu és a virgem celeste
Do meu continuo sonhar.

O' tarde, lá no deserto
O Indio por ti suspira,
E dorme, sonha, delira,
Cançado de te esperar:
E quando, ó tarde, o teu manto
Estendes sobre as palmeiras
Tú tens as canções faguetas
Das tribus no seu palmar.

Tambem tens a prece, o hymno
Do cançado viajor,
Quando do sol ao rigor
Suspira por te avistar;

Tens do reo a nuvem bella
Toda de branco trajada
Pelos ventos embalada
Vagando incerta no ar!

O' tarde, tu és a gemea
Das minhas tardes do sul.
Lá folgas em céo azul
Quando o sol entra no mar;
E' lá teu manto d'estrelas
Quado já és duvidosa;
Aqui és meiga e saudosa,
Saudosa de recordar!..

Aqui nas nuvens que trajas
Retratas meigas imagens,
Umas de roseas roupagens
Outras de prata a brilhar;
Nas cores que dás ao monte
Bem diz o reflexo teu
Que um mysterio só do céo
Te poderia criar!

O' tarde, tu és a virgem
Que tenho no pensamento,
Embora a furia do vento
Me venha o canto espalhar;
Tu és a virgem que eu amo
Bem dentro do coração,
Eu quero na solidão
Contigo só conversar.

Eu quero aqui na montanha
Divisar-te no horizonte;
Ao som do choro da fonte
Quero teu rosto mirar:
Ou junto do tronco annoso
O sonho ter de poeta,
Ou sobre a vaga inquieta
Contigo quero sonhar!

Charadas

Patria de nuvens, de vapor asylo . . . 1
Simulacro de heróes em pedra fria . . . 2
Sou terno filho de copado tronco,
Que no fecundo seio a terra cria.

B.

A harmonia me atrahe, eu vou, eu corro.
Se não corro, não vou, aonde eu quero! 1
Sou peixe, ou carne sou? digam não sabem?
Se sou grande, e no mar, sou peixe fero 1
Eu gosto do rigor por isso troquem
Uma letra por outra equivalente: . . . 2
Sou medida, isso sou, mas tambem era
Um serviço por força antigamente.

CONCEITO

Mais rica, mais bella
Qual outra o será?
Procurem, procurem
Que não se achará,

A decifração das chradas do numero antecedente é:
a 1^a, Arpão; a 2^a, Laranja e a 3^a, Vicente.

Typ. rua da Alfandega 185.